

Diacrítica - Ciências da Linguagem (2003)

A informação sobre a categoria gramatical nos dicionários bilingues.

ÁLVARO IRIARTE SANROMÁN
(Universidade do Minho)

Palavras-chave: Dicionários, categoria gramatical, regência, princípio lexicográfico de substituição.

Abstract: Será pertinente incluir no dicionário informação sobre a categoria gramatical do lema? Do ponto de vista lexicográfico existem outras maneiras de fornecer informação gramatical para o utilizador comum. Assim, pode-se informar sobre a transitividade ou a regência verbal por meio de exemplos. Para alguns linguistas, a informação sobre a categoria gramatical do lema será imprescindível para poder ser aplicado o chamado "princípio lexicográfico de substituição".

A questão da pertinência da inclusão no artigo lexicográfico da informação sobre a categoria e subcategoria gramatical do lema (ou do sublema) é uma questão que está ainda por resolver.

A aparição do *Dicionário da Língua Portuguesa Contemporânea*, da Academia das Ciências de Lisboa (Casteleiro (coord.), 2001) voltou a trazer à baila argumentos em pró e em contra, ao se decidirem pela omissão da subclasse gramatical dos verbos:

«O presente Dicionário não acompanha, neste caso, a tradição lexicográfica que consiste em classificar explicitamente os verbos em transitivos, intransitivos e pronominais (reflexos ou recíprocos), porquanto tal comportamento resulta do contexto sintático em que os verbos ocorrem.» (Casteleiro, 2001: XIX).

O facto contrasta, nomeadamente no que se refere aos verbos, com a rica informação regencial que apresenta o novo *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa* (Houaiss, 2002) e em geral, a tradição lexicográfica brasileira.

O lexicógrafo deverá, quando menos, pôr em causa a utilidade que as categorizações gramaticais podem vir a ter para os utilizadores. A informação sobre a categoria gramatical do lema muitas vezes não passa de um fim em si mesmo e torna-se pouco ou nada útil para a actividade de codificação e/ou descodificação do utilizador que não domina a terminologia gramatical¹. Desde logo porque não compreende verdadeiramente o sentido de termos como transitivo, intransitivo, relativo, conjuntivo, etc. O utilizador corrente (não linguista) de um dicionário salta normalmente este tipo de informação sobre a categoria gramatical da palavra que está a consultar, porque pouco lhe interessa saber, por exemplo:

- se o verbos *gostar*, ou *presidir* são transitivos ou intransitivos;
- se o verbo *dar*, nas combinações *dar um livro* ou *dar um passeio*, é um verbo transitivo ou um verbo operador, ou se uma coisa é compatível com a outra;
- se a construção *afinal de contas* é uma locução adverbial, nominal, adjectival, prepositiva, conjuntiva²
- etc.

O que pode interessar ao utilizador de um dicionário codificador é se a locução *afinal de contas* é sinónima de *afinal*, *por fim*, *finalmente*, e se é, ou não, sinónima de *concluindo*, *como conclusão*, como parece indicar a maior parte dos dicionários³, e em que contextos se usa (apenas no início da oração seguido de sujeito mais verbo?).

Para traducir para o espanhol frases como:

1. *Eu gosto de chocolate: Me gusta el chocolate;*
2. *Eu presidia à reunião: Yo presidía la reunión,*

pouca utilidade podem ter, para um utilizador corrente do dicionário, as categorizações

¹ Neste sentido seria importante perguntarmo-nos por que será que um dicionário de língua espanhola da qualidade do *Diccionario de uso del español*, de María Moliner (Moliner, 1990), que se caracteriza precisamente pela abundante informação gramatical e sobre combinatória lexical, omite muita informação sobre a categoria gramatical do lema.

² Classificação que tem a ver, aliás, com a tradição que considerava que só faziam parte da fraseologia aquelas combinações de palavras que funcionavam como categorias gramaticais concretas, isto é, como palavras (vd. Coseriu, 1977).

³ Vd., neste sentido, a definição de "al final" no *Diccionario de Maria Moliner*:

final ... AL FINAL. (I) «Al fin». En el final: 'Al final de la guerra [del año, de la calle]'. (II) «Al fin. Después de todo». Como conclusión de todo lo hablado, ocurrido, etcétera. Implica frecuentemente que la conclusión de que se trata es absurda o inadmisibile: '¡No... si al final resultará que quien tenía razón era él...!'.

gramaticais que encontraremos nos artigos de verbos como *gostar/ gostar* ou *presidir/presidir*. Para além de que, como já indicamos, pode não compreender o sentido de termos como transitivo, intransitivo, etc., também porque não existe uma terminologia consensual, ou porque o sistema de etiquetagem pode ser excessivamente redutor, categorizando, por exemplo, um verbo que rege preposição como sendo intransitivo (*cf.* os termos *transitivo indirecto* e *transitivo directo* da Nomenclatura Gramatical Brasileira).

Pouca utilidade pode ter para um utilizador corrente do dicionário, um sistema de regras ou generalizações (uma gramática) sobre, por exemplo, o comportamento sintáctico e semântico dos verbos *dar* ou *fazer* como verbos transitivos ou como verbos *operadores*, enquanto poderá ser verdadeiramente útil do ponto de vista lexicográfico informar que é com algum destes verbos que determinadas palavras se combinam para exprimir um determinado sentido. Assim, para um utilizador do dicionário cuja língua materna seja o francês ou o inglês, será fundamental informar, na entrada **passeio** e não na entrada **dar**, que esta palavra utiliza a forma *dar* como verbo operativo (*dar um passeio*), enquanto nas outras duas línguas utilizam-se verbos diferentes (*take a walk, faire une promenade*)⁴.

⁴ Para o utilizador do dicionário bilingue de Português-Espanhol será mais importante ser informado do facto de que em português há combinações lexicais construídas com *dar* que em espanhol não utilizam essa mesma palavra (e vice-versa):

Dar os parabéns: Felicitar
Dá-me licença que entre?: ¿Puedo entrar?
O bilhete só dá até aqui: El billete sólo sirve hasta aquí
Não dar por nada: No noté nada
Não dar por ela: No notar nada
Dar uma mão: Echar una mano
Dar um nó: Hacer un nudo
Dar o nó: Ø
Foi uma queda que dei há anos: Fue una caída que tuve hace años
Dar entrada no hospital: Ingresar en el hospital
Queres dar um salto comigo lá?: ¿Quieres ir un momento conmigo hasta allá?
Deu-me na telha de ir a Lisboa: Se me antojó ir a Lisboa
Não sei se irá dar certo: No sé si funcionará
Não deu uma para a caixa: No acertó (ni) una.
Dar uma injeção: Poner una inyección
Estás a ver, pá, assim não dá!: Ves?, tío, así no vale!
A geada deu cabo das vinhas: La helada acabó con las vinhas
Dar como aberta a conferência: Consideró/declarar abierta la conferencia
Já lhe dei uma ajuda: Ya le eché una mano
O rádio dá um som desagradável: La radio hace un sonido desagradable
Por vezes dá ares da mãe: A veces tiene aires de la madre
O que te deu?: Qué venada te ha dado?
Os feridos deram entrada no hospital: Los heridos tuvieron alta en el hospital
Deu lugar à senhora: Cedió el sitio a la señora

Do ponto de vista lexicográfico, existem outras maneiras de fornecer informação gramatical útil para o utilizador. Assim, pode-se informar sobre a transitividade de uma acepção de um verbo por meio de exemplos (*vd.* Casteleiro, 2001: XIX). Desta maneira, a informação é útil para o utilizador comum (para quem a informação de que se trata de uma forma transitiva ou intransitiva pode ter pouco valor) e para o linguista ou o utilizador que conhece a terminologia gramatical (que de maneira ostensiva é informado de que se trata de uma acepção transitiva porque sabe identificá-la). Somos conscientes, contudo, que embora os exemplos ilustrativos possam ser muito ricos em informação de tipo gramatical, enciclopédico, combinatório ou pragmático, e possam ser muito úteis, como complemento do sistema de etiquetagem, também podem transformar-se perigosamente numa espécie de "caixote do lixo" para onde vai parar tudo aquilo que não sabemos como tratar lexicograficamente (*vd.* Blanco, 1995).

Também, ao explicitar as colocações típicas de um verbo ou, em geral, ao fornecer informação sobre a sua capacidade combinatória, ao mesmo tempo também se estará a informar a quem possa interessar (aos linguistas, por exemplo) sobre a transitividade ou intransitividade do mesmo (ou, se se quer, sobre os argumentos do mesmo, etc.):

Levantar [um processo] = 'interpor, entrar em juízo com'.
Levantar [ferro] = 'zarpar'.
Levantar [calúnias] = 'difamar'.
Levantar [o moral] = 'animar, encorajar'.
Levantar-se <o vento, a brisa> = 'desencadear-se, começar'.
Levantar <as nuvens, o nevoeiro> = 'aclarar'.

Esta prática encontramos-la já nas primeiras amostras lexicográficas peninsulares. Assim, tanto no *Dictionarium ex lusitanico latinum sermonem*, de

Era só para dar nas vistas: Era sólo para llamar la atención
O professor deu-me negativa: El profesor me ha suspendido
O meu colega dá-me boleia: Mi compañero me lleva
Essa ligação não daria certo: Esa relación no resultaría
Faça como lhe der mais jeito: Haga como le venga mejor
Não tenho contas a dar-lhe: No tengo que prestarle cuentas
Dar uma corrida para o apanhar: Echar una carrera para cogerlo
Deu com o livro na estante: Se encontró con el libro en la estantería
Dar-se bem: Llevarse bien
Dar-se mal: Llevarse mal
Dar dois dedos de conversa: Echar una parrafada
Dar muitos erros no ditado: Tener muchas faltas en el dictado
Da muitos erros de gramática: Comete muchos errores gramaticales
A doença obriga-o a dar faltas: La enfermedad le obliga a faltar mucho
Ao ligá-lo, deu faísca: Al enchufarlo, echó chispas
E tu deste-lhe ouvidos?: ¿Y tú le hiciste caso?
Não deu pela tua falta: No se dio cuenta de tu ausencia.
Dar cabo das moscas: Acabar con las moscas

Jerónimo Cardoso (edição de 1562) como no *Vocabulario de romance en latin*, de Antonio de Nebrija (edição de 1516), para além de se registar, como lema, diferentes acepções do lexema provenientes da combinação com outros lexemas para, desta maneira, dar cabimento às diferentes acepções ou correspondências latinas, indica-se, com o mesmo intuito, o complemento directo ou o sujeito de alguns verbos, como por exemplo, no *Nebrija*: cantar el tordo, cabestrar bestia.

Os dois autores diferenciam formalmente nas entradas a forma em função de sujeito da forma em função de complemento. Assim, Nebrija faz acompanhar o sujeito do artigo definido, enquanto apresenta o complemento sem este determinante:

sujeito	complemento directo
Cantar <u>el tordo o zorzal</u> . trutilo.as.avi.	Cabestrar <u>bestia</u> . capistro.as.
Cantar <u>el estornino</u> . pisito.as.avi.	Caçar <u>aves</u> . aucupor.aris.
Cantar <u>la perdiz</u> . cacabo.as.avi.	Caçar <u>fieras</u> o montear. venor.aris
Cantar <u>la tórtola o paloma</u> . grino.is.	Capitanear <u>gente</u> . duco exercitum
Cantar <u>la paloma torcaz</u> . plausito.as.	(<i>et passim</i>).
(<i>et passim</i>)	

Do ponto de vista sintagmático é interessante a diferenciação formal que encontramos no *Dicionário* de Cardoso entre o sintagma nominal em função de sujeito e o sintagma nominal em função de complemento: as formas do artigo que acompanham os nomes em função de complemento directo vêm-se afectadas por um fenómeno de fonética sintáctica, produzindo-se a assimilação entre a terminação do infinitivo verbal e a forma do artigo característica dos textos medievais galego-portugueses, assimilação marcada no português escrito até ao século XVIII e ainda presente em alguns falares regionais de Portugal (Vázquez Cuesta & Mendes da Luz, 1983: 365), assim como na Galiza. Porém, as formas do artigo que acompanham o sujeito não se vêm afectadas por esta assimilação de tipo fonotáctico, mesmo quando este último aparece posposto por uma questão convencional de maior clareza lexicográfica:

sujeito	complemento directo
Casar <u>o</u> homem. Vxorem ducere.	casala molher.s.darlhe marido. Elo loco, as, donuptum
casar <u>a</u> molher. Nubo, is, nupsi.	casalo homem.s.darlhe molher. Vxoremdo.
(<i>et passim</i>).	(<i>et passim</i>).

Como talvez já soubessem os autores destes primeiros dicionários bilingues, as possibilidades colocacionais (de combinação lexical) e combinatórias em geral (usos sintático-semânticos) assim como os usos pragmáticos das potenciais unidades lexicográficas são três tipos de informação de que não pode prescindir qualquer dicionário que pretenda ser uma ferramenta útil para a codificação linguística⁵.

Para alguns lexicógrafos (ou talvez apenas para alguns linguistas), a informação sobre a categoria gramatical do lema será imprescindível nomeadamente para a aplicação na definição do chamado princípio lexicográfico de substituição, onde, como indica Alonso Ramos (1993: 70-71), se confunde muito frequentemente “equivalência de sentido” com “equivalência sintagmática” (vd. também Porto Dapena, 1988: 133-137).

Com efeito, não é difícil passar da exigência de “equivalência de sentido” entre o termo definido e a definição para a “equivalência gramatical”. Assim, segundo esta nova interpretação, este princípio lexicográfico vai exigir que a categoria gramatical do definido coincida necessariamente com a da sua definição, no sentido de que, por exemplo, se a palavra a definir for um substantivo, devemos utilizar na sua definição, outro substantivo ou uma construção substantivada, e não um verbo, por exemplo, de tal maneira que se possa substituir um pelo outro. São muitas as amostras que podíamos fornecer desta interpretação do princípio de substituição. Vejamos só uma, relativamente recente e de um texto de lexicografia teórica:

«Recordemos, por otra parte, que la vinculación arriba apuntada entre categoría gramatical del lema y definición resulta indispensable según el principio de sustitución, que exige que la definición sea susceptible de reemplazar al lema en un contexto dado, lo cual implica que debe respetarse el principio de identidad categorial entre ambas categorías de información lexicográfica.» (Blanco, 1995: 391) (o sublinhado é nosso).

⁵ A perda de importância das relações sintagmáticas na análise e descrição linguística é um processo que começa já a produzir-se, segundo Telmo Verdelho, nos glossários medievais:

«O que sobretudo nos interessa de momento, na consideração destes glossários, é o seu valor verdadeiramente genético, em relação à ciência lexicográfica. É o início de uma actividade metalinguística em que o significante se desprende completamente da relação e dos vínculos sintagmáticos, abandona as suas funções textuais e se integra em paradigmas artificiais para ser reinvestido em toda uma estratégia de alargamento da competência linguística do indivíduo e da comunidade.» (Verdelho, 1988: 228-229).

Neste caso não só estamos perante a exigência de equivalência de categoria gramatical, mas também de equivalência sintagmática, e até contextual (linguística e situacional), como a que encontramos no seguinte exemplo:

«Para ver se a coisa funcionava, ou seja, para ver se o dicionário apresenta mesmo as equivalências de sentido das palavras, imaginei alguém a tentar comprar ovos, mas em vez de utilizar esta palavra, ovo, utilizar as respectivas equivalências dicionarizadas.

Se se procurasse o actualíssimo, de 1994, 7ª edição, dicionário da Porto Editora, o pedido teria que ser assim: “*Faz favor: queria meia dúzia de ‘células que resultam da fecundação dos gâmetas’*”.» (Teixeira, 1996: 230)

O dicionário bilingue deverá informar sobre o funcionamento dos equivalentes em contextos (linguísticos e situacionais) reais, sem que a categoria morfo-sintáctica de uma unidade lexical da língua de partida tenha de coincidir necessariamente com a categoria da unidade lexical equivalente na língua de chegada, uma vez que o mesmo conceito poderá ser intensionalizado, verbalizado, nas duas línguas de forma diferente, ora lexicalmente, ora gramaticalmente (através de palavras, frases, sintagmas, etc.). Desta forma, um lexema na língua de partida poderá ter como equivalente na língua de chegada uma combinação de lexemas, e vice-versa, uma combinação de lexemas na língua de partida poderá ter como equivalente na língua de chegada um único lexema.

Esta questão tão evidente de que os equivalentes num dicionário bilingue não têm que coincidir quanto à categoria gramatical é muito frequentemente esquecida ao constringer a unidade lexicográfica dentro dos limites da palavra. Repare-se nos seguintes exemplos:

caer = cair, mas cf.: Caerse: Dar uma queda;

quitar = tirar, mas cf.: Quitarse las gafas : Tirar os óculos;

recurrir = recorrer, mas cf.: Recurrir la decisión : Recorrer da decisão;

presidir = presidir, mas cf.: Presidir la reunión : Presidir à reunião.

Na tradição linguística ocidental isto significa que não há lugar na linguística para tudo o que ultrapasse os limites das unidades tratadas pela morfologia (o monema, ou a palavra) e pela sintaxe (a frase). Neste contexto, tudo o que excede os limites das categorias ou das unidades impostas por estes modelos linguísticos é adjectivado de extralinguístico.

Assim, contrariamente ao que se pode constatar na prática da tradução:

Trasnochar así acaba conmigo: Estas noitadas dão cabo de mim;

La fruta está llena de magulladuras: A fruta está toda pisada;

Lleno (adjetivo): *Ateste* (verbo) [o depósito, numa bomba de gasolina],

será novamente a má interpretação do chamado princípio lexicográfico de substituição de que falámos que leva ainda muitos autores de dicionários bilingues a afirmar a conveniência de que os equivalentes pertençam à mesma categoria gramatical que o lema, Assim, por exemplo, Blanco (1995) afirma:

«Dicho principio [de substituição] debe contemplarse igualmente en el caso de los diccionarios bilingües, que, por defecto, deben ofrecer equivalentes de traducción pertenecientes a la misma categoría gramatical que el lema.» (Blanco, 1995: 391).

Desta maneira, um dos maiores problemas com que se enfrenta o lexicógrafo se optar por construir exemplos *ad hoc* é o facto de ficar excessivamente preso à estrutura da frase na língua de partida, construindo equivalentes errados, pouco usados ou pragmaticamente inaceitáveis, como, por exemplo:

*La fruta está llena de magulladuras: *A fruta está cheia de pisaduras, ou*

Lleno (adjetivo): *#Cheio* (verbo) [o depósito, numa bomba de gasolina].

Repare-se por exemplo nos casos da palavra espanhola *ladrillazo*, cujo equivalente em português poderia ser *tijolada*, mas que raramente funcionará num contexto real (*casi llevo un ladrillazo: *quase levo uma tijolada*), ou o adjetivo *lácteo*, cujo equivalente português será também *lácteo*, salvo nas colocações *#Productos lácteos*, *#Indústrias lácteas*, em que não se usa:

ladrillazo *s.m.* Tijolada, golpe de tijolo. • **Llevar un l~:** Apanhar com um tijolo; *Al pasar por debajo de los andamios, casi llevo un ladrillazo:* Ao passar por debaixo dos andaimes, quase apanho com um tijolo.

lácteo, a *adj.* Lácteo (relativo ao leite ou a qualquer produto da indústria do leite); *Una dieta láctea:* Uma dieta láctea. *vd. lechero. 2.* Lácteo (que tem cor ou aparência de leite); *Aspecto lácteo:* Aspecto lácteo; *vd. lechoso.* • **Productos ~s:** Lacticínios. **Industrias lácteas:** Indústrias de lacticínios.

Referências bibliográficas

ALONSO RAMOS, M.

(1993): Las Funciones Léxicas en el modelo lexicográfico de I. Mel'chuk (tese de doutoramento). Madrid: UNED.

BLANCO ESCODA, X.

(1995): El ejemplo en el diccionario bilingüe. Tipología y funciones del ejemplo en el marco de la lexicografía bilingüe general contemporánea Francés-Español Español-Francés (tese de

doutoramento) [microfichas]. Barcelona: Universitat Autònoma de Barcelona, Servei de Publicacions.

CARDOSO, J. [Hieronymi Cardosi]

(1565): *Dictionarium ex lusitanico latinum sermonem*. Joannus Alvari Typographi []. [1562?].

CASTELEIRO, J. Malaca (coord.)

(2001): *Dicionário da Língua Portuguesa Contemporânea da Academia das Ciências de Lisboa*. Lisboa: Academia das Ciências de Lisboa/Editorial Verbo.

CASTELEIRO, J. Malaca

(2001): «Introdução», em Casteleiro (coord.) (2001): *Dicionário da Língua Portuguesa Contemporânea da Academia das Ciências de Lisboa*. Lisboa: Academia das Ciências de Lisboa/Editorial Verbo, XIII-XXIII.

COSERIU, E.

(1977): *Principios de semántica estructural*. Madrid: Gredos.

FARIA, I. Hub & M. CORREIA (eds.)

(1996): *Actas do XI Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística*. Vol. II. Lisboa: APL./Colibri

HOUAISS, A. (coord.)

(2002): *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Objectiva.

MOLINER, M.

(1990a): *Diccionario de uso del español*. Madrid: Gredos.

NEBRIJA, A. de

(1516): *Vocabulario de romance en latin*. Sevilla. [ca. 1494, Salamanca?]

PORTO DAPENA, J. A.

(1988): «Notas lexicográficas: La información sintáctica en los diccionarios comunes», em *Linguística Española Actual*, X, 1 (1980), 133-154.

TEIXEIRA, J.

(1996): «Branco é, galinha o põe», em Faria & Correia (eds.) (1996), 229-235.

VÁZQUEZ CUESTA, P. e M. A. MENDES DA LUZ

(1983): *Gramática da Língua Portuguesa*. Lisboa: Sá da Costa.

VERDELHO, T. dos Santos

(1988): *As origens da gramaticografia e da lexicografia latino-portuguesas*. Dissertação de Doutoramento. Universidade de Aveiro.